

## ENDOMETRITE PÓS COBERTURA EM ÉGUAS – RELATO DE CASO

Ingrid Flávia Ribeiro Cota<sup>1</sup>  
Leticia Tolledo Fernandes Silva<sup>1</sup>  
Mayra Dutra Cosendey<sup>1</sup>  
Vanessa Lopes Dias Queiroz de Castro<sup>2</sup>

[ingridflavia18@hotmail.com](mailto:ingridflavia18@hotmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Endometrite, égua, inflamação.

### INTRODUÇÃO

A endometrite pós cobertura é uma inflamação que acomete a mucosa endometrial de fêmeas domésticas, sendo uma das principais causas de subfertilidade ou infertilidade em éguas. Esta patologia pode ser crônica ou aguda, bacteriana ou idiopática (KENNEY, 1992) e ocasionar repetição de estro e aumento do intervalo entre partos (NASCIMENTO e SILVA, 2003), gerando grande impacto econômico (OLIVEIRA, 2006). Em éguas sadias há contratilidade miometrial persistente, enquanto éguas mais velhas, com histórico de partos múltiplos, e/ou incapazes de responder o processo inflamatório em até 48-96 horas após cobertura são consideradas mais susceptíveis a esta afecção. Isto se dá devido a redução da atividade miometrial e diminuição da eliminação do conteúdo uterino, o qual provoca efeito negativo na fagocitose por neutrófilos, devido ao acúmulo de fluido, resultando em uma infecção uterina persistente (TROEDSSON *et al.*, 1993 - 1995). A inflamação patológica pode ocorrer em casos de falhas do mecanismo de defesa, tornando o ambiente propício a instalação das bactérias comensais oportunistas do útero (RICKETTS *et al.*, 1993), sendo elas *Escherichia Coli*, *Streptococcus* grupo C (EGC), em especial *Streptococcus equi*, *Staphylococcus aureus* e *Rhodococcus equi* (LANGONI *et al.*, 1994). Os espermatozoides são um dos maiores causadores da inflamação pós cobertura, sendo assim, o sêmen que apresenta elevada concentração e volume propicia maior irritação ao útero (KOTILAINEN *et al.*, 1994). A monta de um garanhão em uma égua infectada o torna transmissor das bactérias responsáveis por estabelecerem o quadro de endometrite (THOMASSIAN, 2005). O objetivo deste trabalho é relatar um caso de endometrite persistente pós-cobertura em uma égua pertencente a um haras situado na cidade de Matipó-MG.

### METODOLOGIA

O presente caso foi relatado em um haras situado na zona rural de Matipó-MG. A égua era campolina, 26 anos de idade e histórico de infertilidade reprodutiva. Apresentava escore corporal quatro e não era visível, nenhuma anormalidade nos órgãos genitais

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizou-se a ultrassonografia (US) transretal na primeira avaliação e não foram encontrados problemas reprodutivos aparentes. Os ovários estavam ciclando com presença de corpo lúteo de uma ovulação recente. A égua foi submetida a um protocolo hormonal levando em consideração seu histórico reprodutivo e idade.

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária – Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX - Matipó.

<sup>2</sup> Doutora em Medicina Veterinária- Professora do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX - Matipó.

Administrou-se 2mL de prostaglandina (Lutalyse®) por via intramuscular, 72 horas após foi realizada uma nova avaliação ultrassonográfica, porém o ovário direito apresentava um folículo dominante de 28mm . Após 48 horas, uma terceira avaliação ultrassonográfica foi realizada e o folículo apresentou 36mm de diâmetro, desta forma, administrou-se o hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH) (Deslorelina®) por via intramuscular. Vinte e quatro horas após, foi realizada a monta natural. Após um dia, avaliou-se o útero por meio da US e foi constatado um acúmulo de líquido superior ao grau cinco, podendo caracterizar um quadro de endometrite. Oito dias pós cobertura realizou-se o lavado uterino a fim de capturar o embrião, se tivesse ocorrido a fecundação, mas constatou-se que a égua não havia ficado gestante. Desta forma, ela foi submetida a um segundo procedimento de monta natural não formando embrião novamente, sugerindo um quadro de endometrite persistente pós cobertura. No quinto acompanhamento, optou-se pela inseminação artificial, na dose de 15ml de sêmen a fresco com adição de diluente (2:1), mesmo assim o animal apresentou um edema uterino superior ao grau cinco. Vale ressaltar que nenhuma bactéria foi isolada do swab uterino. Contudo, optou-se pela realização de um novo protocolo aliado ao tratamento com o corticoide (Dexametasona®) seis horas antes e após a inseminação artificial, com a dose de 20 e 15ml por via intravenosa, respectivamente, a fim de diminuir o processo inflamatório persistente. Além disso, lavou a cavidade uterina com solução coloidal. Este animal apresentou edema diminuído pós ovulação, evoluindo de um edema grau cinco para um edema grau três. Mesmo sob essas condições, a égua apresentou prenhez e o embrião foi recuperado, nove dias após a inseminação e transferido a uma receptora.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os procedimentos tomados pelo Médico Veterinário responsável pelo atendimento, sugere-se que éguas mais velhas são mais susceptíveis a endometrite persistente pós cobertura, porém com o acompanhamento e tratamento adequado podem ser consideradas aptas a reprodução.

### REFERÊNCIAS

KENNEY, R.M. The etiology, diagnosis and classification of chronic degenerative endometritis. **Equine Veterinary Journal**, v.25, n. 3, p. 185-186, 1992.

TROEDSSON, M.H.T.; LIU, I.K.M.; THURMOND, M. Function of uterine and blood-derived polymorphonuclear neutrophils in mares susceptible and resistant to chronic uterine infection: Phagocytosis and Chemotaxis. **Biology of Reproduction**, n. 49, p. 507-514, 1993.

TROEDSSON, M.H.T.; SCOTT, M.A., LIU, I.K.M. Comparative treatment of mares susceptible to chronic uterine infection. **American Journal of Veterinary Research**, v. 56, n. 4, p. 468-472, 1995.

NASCIMENTO, E.F.; SANTOS, R.L. Patologia da reprodução dos animais domésticos. 2 edição. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2003, p.57 - 58.

OLIVEIRA, R.A. Endometrite. Goiás: 2006. Disponível em: . Acesso em: 07 de ago de 2008.

RICKETTS, S.W.; YOUNG, A.; MEDICI, E.B. Uterine and clitoral cultures. In: MCKINNON A. O.; VOSS, J.L. (Ed). Equine Reproduction. **Baltimore**: Lea & Febiger, p. 234-245, 1993.

LANGONI, H.; ALVARENGA, M.A.; PAPA, F.O.; SAKAMOTO, C.; SIMON, J.J.; LISTONI, F.J.P.; CARREIRA, E. L. C. Estudo microbiológico e citológico do trato genital de éguas. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v. 46, n. 6, p. 623-636, 1994.

Kotilainen T, Huhtinen M, Katila T. Sperm-induced leucocytosis in the equine uterus. ***Theriogenology***, v.41,p.629-636, 1994.

RICKETTS, S.W.; YOUNG, A.; MEDICI, E.B. Uterine and clitoral cultures. In: MCKINNON A. O.; VOSS, J.L. (Ed). Equine Reproduction. **Baltimore**: Lea & Febiger, p. 234-245, 1993.

KOTILAINEN T, HUHTINEN M, KATILA T. Sperm-induced leucocytosis in the equine uterus. ***Theriogenology***, v.41, p.629-636, 1994.

THOMASSIAN, E.F. *Enfermidades dos cavalos*. 4 edição. São Paulo: **Livraria Varela**, p. 258 – 259, 2005.